



SILVA, Carlos Alberto Ferreira. **As mudanças do diretor teatral e suas respectivas evoluções.** Salvador – BA: Universidade Federal da Bahia. Pós-Graduação: Mestrado. Orientadora: Deolinda Vilhena. Diretor, ator, professor.

RESUMO:

O presente artigo apresenta fase do trajeto histórico do diretor, mostrando a importância e relevância para a produção teatral. A discussão parte do princípio do surgimento desta função no teatro moderno; a evolução do diretor perante a cena e a criação teatral; e, o desenvolvimento deste coordenador nos diferentes agrupamentos artísticos.

Palavras-chave: Diretor Teatral, Agrupamentos, História.

ABSTRACT:

This article presents the stage director historic path, showing the importance and relevance to the theatrical production. The discussion assumes this role in the emergence of modern theater; evolution director before the scene and theatrical creation; and, the development of coordinating the various artistic groups.

Keywords: Theatrical Director, Groups, History.

Início com a seguinte teoria:

Nos últimos anos do século XIX ocorreram dois fenômenos, ambos resultantes da revolução tecnológica, de uma importância decisiva para a evolução do espetáculo teatral, na medida em que contribuíram para aquilo que designamos como o *surgimento do encenador*. Em primeiro lugar, começou a se pagar a noção de fronteiras e, a seguir, a das distâncias. Em segundo, foram descobertos os recursos da iluminação elétrica. (ROUBINE, 1982, p. 21).

Ao destacar essas frases do livro de Jean-Jacques Roubine, *A linguagem da Encenação 1880 – 1980* nos relatam o quão recente é a função do diretor teatral, nascido basicamente, no final do século XIX, onde por registro, intitula Antoine como o primeiro encenador. Essa afirmação se justifica devido à primeira assinatura registrada na história do espetáculo teatral, além deste encenador, também, tornar o primeiro a sistematizar suas concepções, ou seja, teorizar a arte da encenação. Suas contribuições foram importantes para deslanchar uma série de questões que tornariam fundamentais para a cena teatral, isto é, os progressos técnicos relacionados à iluminação, fazendo com que a cena evoluísse juntamente com a tecnologia. Assim, a evolução emergida no final do século XIX em desenvolvimento para o século XX faz com que os encenadores começassem a ressignificar o espaço da representação a partir de uma nova ótica. Deste modo, a cena teatral entra em processo de transformação, tal como, a função do diretor que inicia um novo prelúdio para as artes cênicas.

É neste período que a história do diretor segue um novo caminho, de modo que, suas ações são imbricadas nos palcos teatrais, fazendo com a produção teatral, aqui entendida como as demais funções exercidas no teatro, voltasse suas dúvidas e questionamentos para uma figura central. Assim, é possível, descrever que a “direção teatral seria o ato e/ou o efeito resultante do trabalho teatral destes coordenadores do espetáculo cênico num ‘movimento criativo’ de transpor à cena uma peça de teatro, cuja encenação seria o resultado desse mesmo ‘gesto teatral’”. (TORRES NETO, 2007, p. 112). Aqui encontramos uma das possibilidades referentes ao fazer teatral, perpassando por uma dialética de realizar a concepção e a criação a partir das ideias do diretor.

Gostaria de iniciar essa reflexão a partir de uma metáfora, pensando como as imagens tornam fundamentais para a concepção cênica, assim, ao pensar sobre este fazer teatral é como se partíssemos de uma estrutura horizontal, uma folha branca repousada sobre a mesa, em seguida, a partir das interferências, das intervenções e dos estímulos do diretor fazer com que essa estrutura ideológica se torne vertical, de modo que, as relações e as ideias estejam presentes na cena, buscando unificar no processo o trabalho das outras funções, tais como, o ator, o cenógrafo, o iluminador, o figurinista, o produtor, dentre outros mais, como uma ação total do fazer teatral. Vale ressaltar, que aqui destaco uma das inúmeras possibilidades, sendo que, na contemporaneidade as criações cênicas tornam voláteis em meio ao processo de produção, fazendo com que diversos recursos possam iniciar uma criação artística, seja a partir do ator, dos recursos tecnológicos, do texto, do não texto, mas o importante, é o como o diretor proporcionará o diálogo com as diferentes linguagens que compõem a cena teatral.

Sendo que, historicamente somos embebidos e apresentados as diferentes formas de composição realizada pelos diretores, cada qual em seu tempo se destacaram/destaca deixando suas assinaturas, e principalmente, suas obras para serem discutidas e refletidas, por artistas, estudantes e amantes das artes teatrais. Para exemplificar, destaco alguns diretores, tais como: as ideias de cenário arquitetônico de espacialidade e diferentes planos propostos por Gordon Craig e como essas interferências movimentam na encenação e no trabalho do ator; o construtivismo de Meyrhold, conhecido por fazer um teatro essencialmente plástico, no qual os desenhos dos movimentos tornam cruciais para a realização da cena, fazendo dos gestos e do movimento mais reveladores do que a fala, (ASLAN, 1994, p. 147); a vivência antropológica e artística proposto por Eugenio Barba, a partir do trabalho físico como expressão de trabalho para o ator e, por conseguinte, para as criações das personagens; a vivência cultural e de miscigenação proposto nas encenações do diretor Peter Brook, e até mesmo, as experiências inusitadas e transculturais, partindo de um engajamento político presente nas escolhas de repertório, peças ou criações a partir da improvisação, dirigido por uma das diretoras mais famosas Ariane Mnouchkine. Ou seja, variados são os cardápios de diretor e seus procedimentos de realização acerca do trabalho desenvolvido por cada um. Mas, é nesta perspectiva de evolução, que a ideia central se sobressai sobre este texto, buscando identificar no tocante da cena teatral, qual o estilo de diretor encontramos no teatro atual. Há um estilo? Existe diferença?

Onde ele se encontra? Em grupos teatrais? Coletivos? Agrupamentos diversos? O que se falar e pensar sobre esta figura?

Partindo dessas considerações, providas de uma emergência dada em meados do século XX, começamos a conhecer através da história os agrupamentos que se formavam, provenientes de encontros entre artistas e não artistas; manifestações políticas; ideologias em comuns, e principalmente, pelo desejo do fazer teatral. Desta maneira, grupos foram formados, mas, também, outros formatos foram corporizados na cena artística, dando origem a novos agrupamentos. É nesta perspectiva, que busco compreender o papel do diretor nestes diferentes meios de formatação.

O diretor teatral vem se estruturando desde o final do século XIX, como já mencionado, anteriormente, o atual diretor era conhecido como um ensaiador, que era considerado como:

[...] o agente criativo atuante ao longo de um largo período de tempo que remonta ao Renascimento sobrevivendo até o século XIX. Sem nos determos muito aqui nos seus procedimentos de trabalho em relação ao texto e à cena, podemos afirmar que ele foi o agente criativo que juntamente com o cenógrafo ou o músico, quando não era ele próprio cenógrafo ou músico, quem planejava, organizava e executava o espetáculo teatral orientando os atores de acordo com uma tipologia de papéis específicos. (TORRES NETO, 2007, p. 113).

Mais tarde com o nascimento do teatro *moderno*, movido pelas novas intersecções artísticas, inspirados pelas vanguardas, os diferentes movimentos que dialogavam com as novas expressões artísticas como a *body art*, *happening*, *performance*; as novas tecnologias implementadas na cena, além da relação com o cinema; as questões políticas, provenientes da situação mundial; se tornou uma série de possibilidades para o desenvolvimento da figura do diretor, em que, em meio as novas ações suas atividades entravam em mutação, deixando a função de ensaiador, e ganhando mais estrutura e responsabilidade com relação a cena, sendo assim, os trabalhos tornam correlacionados diretamente com o texto, de modo que, a obra dramática se tornava o mote para a criação artística, transformando-a em obra de arte; além de autoafirmar um estilo próprio de trabalho provido de cada diretor.

Para melhor explicar este cruzamento a tantos desenvolvimentos, Béatrice Picon-Vallin, apresenta em dois artigos uma geografia a partir do teatro de grupo e dos coletivos, sendo eles, *A propósito do teatro de grupo. Ensaio sobre os diferentes sentidos do conceito* e *Os novos coletivos Teatro e Utopia*, assim, na busca dessa compreensão a ideia é entender e encontrar nessa trajetória a função do papel do diretor em meio a estas mudanças.

De acordo com Picon-Vallin, as funções dentro do teatro de grupo se tornam preestabelecido, ou seja, cada pessoa possui as suas responsabilidades, o cenógrafo se responsabiliza pela confecção da cenografia; o mesmo ocorre com o iluminador, o figurinista, o sonoplasta e as demais profissões existentes dentro dessa produção teatral. Sendo assim, a autora apresenta,

O elo no teatro de grupo (...) é um conjunto de convicções partilhadas e que comprometem cada uma das pessoas envolvidas; é a consciência de viver uma aventura

única; é o respeito às regras do jogo específicas daquele grupo, que o público conhece e aprova. (PICON-VALLIN, 2008, p. 84).

É partindo dos anseios artísticos que a estrutura teatral se organiza para a realização maior do acontecimento, à apresentação teatral. Assim, cada função se pré-estabelece em meios aos encontros providos pelo grupo. Trazendo para a realidade do diretor, suas funções se tornam centralizadoras, de modo que os demais agentes da produção teatral recorrem a esta figura como possibilidade de resolução. O diretor se torna a figura externa capaz de solucionar e trazer umas das possibilidades de ideia para as criações; responsável por relacionar com as demais funções (cenógrafo, iluminador, ator...); organizador das cenas; além de nos lembrar que, a administração também é integrante da criação, sendo assim, partes administrativas fazem parte do repertório do diretor, durante o processo de produção.

No entanto, ao longo das evoluções, as estruturas criativas também entram em uma etapa de mudança, enquanto, no teatro de grupo, o objetivo é visar por “um sentido muito marcado que enfatiza o ato de criação coletiva assumida e, sobretudo, os objetivos e os fins comuns, uma ideia do teatro e do seu lugar na sociedade, que ligam, por um determinado período, um conjunto de artistas para além de um projeto meramente pontual” (PICON-VALLIN, 2008, p. 86), nas novas possibilidades de agrupamento, como nos coletivos, o sentido político permanece, mas as funções não possuem uma característica única, ou seja, todos os membros podem executar todas as funções, inclusive, o diretor. Béatrice apresenta os anseios recorrentes na formação e na própria execução desses coletivos, os identifico como:

Os coletivos identificados como tais multiplicam-se, mas a palavra abrange atitudes diferentes. Não há uma fórmula pronta. Contudo, todos têm em comum a vontade de experimentar outra forma de fazer teatro, de procurar outra energia criativa, mas também novas formas de relacionar-se com o público e, por vezes, até criar outro público. Concebido a partir de uma perspectiva participativa, o espetáculo nutre-se da confrontação das ideias e dos olhares, usufruindo assim de uma maior liberdade artística. Isso se traduz em um funcionamento mais democrático, em relações de igualdade e em divisão das tarefas. (PICON-VALLIN, 2011, p. 178).

Não há uma fórmula para o fazer artístico, tornam-se possíveis todas as possibilidades, sendo assim, porque ter uma única definição de diretor? Essa denominação se estende, tal como, a cena. Se por um lado, a cena teatral se expande na busca de um trabalho experimental e inovador, trazendo o hibridismo como conceito da realização, por outro, o diretor, também se torna afetado com esta evolução, dando a ele uma vivência heterogênea das experiências. Não significa que os coletivos não possuem uma dinamização das funções, mas o nascimento dos processos não traça pela necessidade de hierarquização. De acordo com Picon-Vallin (2011, p. 174) “hoje em dia é um coletivo inteiro – atores, dançarinos, *videomakers*, coreógrafos, produtores de som, produtores de luz etc. – que se apropriou da composição cênica, e o diretor vê a sua posição de autor, definida pelas ricas culturas teatrais, russa e alemã, recolocada em questão”, ao mesmo tempo em que diferentes funções e artistas se adentram no processo do coletivo, misturando-se diversas áreas e partindo da necessidade de experimentar e recriar, trazendo as inserções do texto, da música, das artes visuais, da dança como ponto de partida para o

trabalho, ainda é presente a figura do diretor. Um diretor que contamina, mas também, contaminado com as provocações vinda dos outros componentes.

Podemos então pensar a importância do diretor para a produção teatral, apesar de ser uma função recente dentro da estrutura teatral, torna-se necessário afirmar que é uma função que desestabiliza o trabalho, através, da provocação, da inovação e da criação. Dando a possibilidade de adequar aos novos agrupamentos e as evoluções presentes na cena. O diretor e a cena, ambos evoluem respectivamente próximos, pois é ele um dos causadores pela mudança, tornando o teatro cada vez mais diferente e criativo, recriando as relações e dialogando com os diferentes membros através da cena, assim, o público durante esse processo, também se torna uma das peças participativa, dentro desse jogo que conhecemos como teatro. De todo modo, o diretor é ainda, uma função ainda a ser compreendida, em meio aos estudos contemporâneos.

REFERÊNCIAS:

ASLAN, Odete. *O ator no século XX*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PICON-VALLIN, Béatrice. *A propósito do teatro de grupo. Ensaio sobre os diferentes sentidos do conceito*. In.: *Próximo Ato: questões da teatralidade contemporânea / organização Fátima Saadi e Silvana Garcia*. – São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

PICON-VALLIN, Béatrice. *Os novos coletivos. Teatro e utopia*. In.: *Próximo ato: teatro de grupo / organização Antônio Araújo, José Fernando Peixoto de Azevedo e Maria Tendlau*. – São Paulo : Itaú Cultural, 2011.

ROUBINE, Jean-Jacques. *A linguagem da encenação teatral*. Trad. Yan Michalski. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

TORRES NETO, Walter Lima. *O que é direção teatral?*. In.: *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas / Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Teatro*. – Vol. 1, n.09 (Dez 2007) - Florianópolis: UDESC/CEART Anual, p. 111-121.